

Performance. Carolina Velasquez.2020



## **Carolina Velasquez (Piracicaba-SP, 1978)**

A pesquisa de Carolina Velasquez é uma intersecção de conhecimentos, linguagens e disciplinas. Seu trabalho estrutura-se nos saberes corporais e no convite a quem observa. Ao reavivar algo anterior ao próprio conhecimento, existe uma convergência entre a prática básica da educação, em que o maior valor é o respeito às vivências, e a bagagem intelectual e emocional de cada pessoa. Dessa forma, firmam-se alianças onde a colaboração se transforma em material compositivo da obra.

Primeira brasileira de uma família boliviana, Carolina busca de maneira instintiva o conhecimento ancestral ao ir em direção de locais carregados de história, ou melhor, histórias fantásticas, sociais e geológicas para a criação de suas performances, onde o corpo alia-se prontamente à natureza e à paisagem. Um resgate afetivo e político conectado aos quatro elementos, à cosmogonia e ao céu, que é testemunha das diversas idades da Terra e das ações desastrosas da humanidade (ou melhor, de parte dela), mas que ainda permanece intacto aos apagamentos causados pelas imposições políticas, econômicas e bélicas. Talvez seja o céu que apadrinhe/amadrinhe o trabalho de Carolina.

Curador Cadu Gonçalves



## **Carolina Velasquez**

Nascida em Piracicaba - SP (1978), filha de bolivianos, descendente das etnias indígenas Quechua Aymara, O resgate de aspectos da ancestralidade por meio da criação de imagens da memória e performances em paisagens ancestrais é tema central desta pesquisa e produção.

Trabalha nas linguagens da arte têxtil, escultura, video e fotografia.

Bacharel em Artes ( UNESP) - 2003,

Pós em Práticas Artísticas Contemporâneas (FAAP) - 2017,

Mestre em Processos e procedimentos artísticos com a pesquisa A costura dos arquétipos: Performances Fabulosas (UNESP) 2021.

Suely Rolnik aponta em artigo sobre os objetos relacionais o posicionamento da artista Lygia Clark, que afirma não haver mais lugar para o espectador e mais nenhum tipo de posição de exterioridade, o **espectador torna-se receptor** ao ser convocado a ter uma experiência corporal com os objetos, determinando assim a existência da obra pela relação do “cliente”, como Lygia chamava o receptor, com o objeto relacional (2005, p.02).



Exercícios de aterramento para os rituais simbólicos de afeto ou performances. Casa das Caldeiras.2017

## Viagens de pesquisa



Carnaval de Oruro

Anata Andina

La k'oa



Montanha Chacaltaya - 5400 m de altitude

Ritual para El Tio - nas Minas de Oruro/Bolivia



Tiwanaku - Sítio Arqueológico. Bolívia

Xingu - Quarup - Amazonia / Brasil



As cinzas de Sebastián.  
Viagens e performances de campo. Bolívia. 2019

## As cinzas de Sebastián

Chacaltaya é um pico da Cordilheira dos Andes, a montanha fica a 24 quilômetros de El Alto, considerada a cidade com maior presença de indígenas na Bolívia. Tem 5.400 metros de altura, um dos lugares mais altos do mundo, e é local de prática de rituais andinos. “Acá emana energía, por eso (este lugar) es sagrado (VALDEZ, 2016). É uma Wak’a, um local de poder, um santuário que emana energia ancestral.

Passamos na Calle de las brujas antes de ir à montanha, parecia de suma importância e concordância de toda a família presente (meu filho, minha mãe, irmã e duas sobrinhas – Tumbao, Elma, Cristina, Luisa e Vitória) que fizéssemos algo por lá, um desejo intuitivo do coletivo. Comprei palo santo (uma madeira que é queimada como incenso com alto poder de purificação de energias), água florida (espécie de mescla de essências com alto poder de transformação e renovação dos desequilíbrios energéticos), koa (erva andina para defumação) e uma imagem em pedra de Pachamama com a representação de uma família.

Naquele dia subimos a montanha para entregar parte das cinzas de nuestro papá y abuelo, eu estava ocupando o lugar de mediadora de energias e portanto pedi permissão a montanha para subirmos e fui guiada ao melhor local e momento para montar um altar e pronunciar palavras em homenagem ao falecido Sebastián, cujo nome foi entoado muitas vezes, de acordo com a velocidade do vento que nos circundava e levava este som em direção ao entorno (céus, neve e montanha); ali repetindo e saudando o nome Sebastián surgem as visões de uma criança, um jovem e um idoso, elas dançam sorrindo pela montanha sendo levadas por Pachamama (entidade corporificada pela figura da montanha), neste instante ocupo o lugar de um guardião e visto minha máscara de felino. “O mundo do meio é o que chamamos de realidade – o mundo exterior da riqueza, das finanças, do trabalho, da criatividade e dos relacionamentos” (ARRIEN, 2015, p. 24).

Trecho de dissertação de mestrado, pag.335-6. VELASQUEZ, 2021. A costura dos arquétipos. Relato de viagem de 2019.

*Fabuloso*, conceito metáfora criado pela artista: adjetivo que se transforma em substantivo quando suas proposições **atingem e incorporam o outro, o participador**.  
Pesquisa sobre formas arquetípicas pela linguagem das máscaras, vestimentas e escultura têxtil.



Fotografia de Tumbao Velasquez Y Castro

O termo **Fabuloso** é designado pelo encontro entre memórias apagadas pelos processos civilizatórios e por hábitos do pensamento e do corpo, condicionantes do cotidiano, e a partir do ato de libertação dessas memórias pela entrega e decisão do participante na proposição artística chamada Performances Fabulosas.

A proposição artística busca a reconstrução da ancestralidade de cada participante por meio das ações corpóreas desenvolvidas em cada performance–ritual, na qual o participante é acolhido, sendo-lhe dado um espaço seguro para criar e recriar memórias há muito apagadas nas histórias perdidas sobre seus antepassados. Essas histórias contêm características de temperamento, atitudes e decisões de ancestrais que em suas trajetórias desenharam narrativas de vida e, com isso, padrões de escolha e comportamento que estão instaurados na memória afetiva do participante. O objetivo da performance fabulosa é atingido quando o corpo-cotidiano é suspenso de suas obrigações sociais que servem aos ideais da produtividade, comportamento aprovado pela comunidade e movimentos corporais previsíveis, condicionados não somente pelo meio cultural e social, mas também pelo espaço em que este corpo cotidianamente há décadas se encontra.

A proposição acontece desde 2012 e se desenvolve em muitas etapas, de acordo com as demandas de mercado de arte e dos calendários de programação das instituições culturais. A pesquisa toma forma na residência artística Obras em Construção, oferecido pela Associação Cultural Casa das Caldeiras em 2012; a direção da Casa das Caldeiras desenvolve ações sociais, culturais e artísticas com algumas comunidades e me fez um convite de ação artística com uma dessas comunidades; paralelo a isso ocorreram minhas oficinas de arte com comunidades Sem Teto durante o Festival Baixo Centro, também na cidade de São Paulo. VELASQUEZ, pag.74. 2021.

## Exposição La K'oa - Agradecimentos para Pachamama





SESC avenida paulista. Exposição La K'oa - Agradecimentos para Pachamama. 2022. Carolina Velasquez.

## Sobre o “fazer nada”

O “fazer nada” é fundamental no resgate do que foi esquecido ao longo de um processo de colonização, que nega outras formas de ser, pensar e se relacionar com o outro, com a natureza. O *fazer nada* torna-se um valor estrutural da proposição artística em questão e é um valor praticado e trazido à consciência e discussão durante a formação–palestra–proposição feita aos educadores do CENPEQ em janeiro de 2020, educadores que lidam com jovens presos em unidades da Fundação Casa; no aspecto da necessidade de se construir conteúdo consciente por meio do pensamento, muitas vezes vivenciamos memórias e sensações que nos completam e trazem significados sem a necessidade de que estas informações sejam valoradas como um produto ou um componente do currículo escolar. Entre os povos originários, afirma Carolina, a arte não está apartada da vida. Nessa concepção, a criação artística também é (auto)conhecimento e cura (CASTRO, 2020).

A nomenclatura *fazer nada* aqui tem um fundo de ironia, como se nascesse da boca de alguém que desconhece a existência da episteme criatividade e suas condições e contextos de existência sob a perspectiva dos povos originários.

O crítico Mário Pedrosa em 1966 alertava para os desafios do artista em sociedades onde predominava a produção e consumo de produtos em massa. Em sua opinião o trabalho artístico teria ganhado nessas sociedades a ambigüidade de ser ao mesmo tempo improdutivo e produtivo, o que colocava em jogo uma produção artística definida pelo uso da liberdade, ou definida pelas demandas do mercado; uma arte como “exercício da liberdade” ou como instrumento às mobilizações em massa e ao lazer alienante (PEDROSA, 1967, p. 111).

A arte está relacionada a escavar e revelar esses segredos. Para isso, é necessário entrar em contato com nossas raízes familiares, comunitárias. Apresentar-se de forma inteira ao outro é apresentar sua ancestralidade. E quando eu me apresento assim ao outro, o outro também se apresenta em sua totalidade (VELASQUEZ, 2020).

Trecho da pesquisa, pag.212, a *Costura dos arquétipos* para escrita que acompanha a interação dos participantes nas três imagens acima, registro sobre a exposição/instalação SESC avenida paulista. Exposição La K’oa - Agradecimentos para Pachamama. 2022.

# COSTURA ANCESTRAL

Parte da programação da exposição  
La k'oa



## Memória e Ancestralidade: Campos de transcendência

A ancestralidade e sua ritualística podem ressurgir de diferentes formas no cotidiano: uma fogueira acendida do nada no quintal seguida de silêncio, um comportamento introvertido em meio a uma reunião social animada, uma obsessão por determinada paleta de cores, cheiros familiares, imaginação de paisagens oníricas, a presença de uma peça de “artesanato” que emana diferentes sensações aos moradores de uma mesma casa, são chamados de indícios de campos de transcendência, nomenclatura criada dentro desta pesquisa.

O encontro de indícios de campos de transcendência é uma das consequências da proposição artística em questão: a criação de ritualísticas resultantes de memórias semissoterradas em nós. Muitas vezes, o ser híbrido não teve uma criação com os valores da cultura de origem, muitas informações lhe são negadas, inclusive a língua e o fato de ficar distante das celebrações coletivas e dos rituais de iniciação de suas origens, bem como dos parentes como avós, bisavós, e das paisagens ancestrais. Isso faz com que o indivíduo fique sem referências quanto ao idioma simbólico, cosmovisão e mitologia de suas origens. Assim, os imigrantes teriam se deslocado fisicamente e junto com eles os aspectos de seus rituais. Como fazer renascer, reexistir seus deuses em outras terras? Pela manualidade, pelos valores, temperamento, pensamentos, paixões que pulsam nestas pessoas, nestes caminhantes.

Essas memórias, assim como os rituais que fazem parte delas, tomam corpo em minha pesquisa quando crio as proposições, maneiras de acordar o que chamo de corpo espírito: exercícios de respiração, de voz, movimentos do corpo a partir de paisagens, ventanias e águas, contato do corpo envolto em tecidos e sementes. E o corpo espírito é o contrário do corpo cotidiano, este sendo o estado produto dos valores de nossa sociedade atual, sustentada nas bases do colonialismo e pós-modernidade: consumismo, normose, automatismo e competitividade. O corpo espírito seria uma episteme resultante da proposição e uma episteme decolonial, no sentido de trazer consigo um lugar para o que outrora foi esquecido, deixado de lado, inferiorizado. Link para video - [https://www.instagram.com/p/CpSsqFZu09u/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CpSsqFZu09u/?utm_source=ig_web_copy_link)

Curso de tres dias de título COSTURA ANCESTRAL ocorreu em agosto de 2022 no Sesc avpaulista , com grupo de dez mulheres de diferentes origens e faixas etarias, na ocupacao/ proposicao realizada sob o titulo La K'oa - Agradecimentos para Pachamama.

# Trechos de cartas de intenção

As participadoras se inscreveram por meio de cartas para a

## Proposição COSTURA ANCESTRAL

“Tenho interesse nesse curso por me sentir convocada a uma atividade tão ligada a minha história pessoal e de meus conterrâneos, a costura.

A visão e proposta de reconstrução que está apresentada na convocação também me inspira, pensar que esta reconstrução pode ser realizada a todo momento, em diversas fases de nossas vidas e trajetórias.

Poder falar e trocar isto com o grupo, imagino que será de muita riqueza também.”

“Sou filha de pai chinês e mãe descendente de japoneses, mas minha ancestralidade biológica é diferente da "do coração", pois foi adotada por eles assim que nasci.

Tenho múltiplas raízes (as que ganhei por ter ganhado uma família e as que herdei), mas ao mesmo tempo desconheço de boa parte da minha história Ancestral.

Enfim, gostaria de explorar o tema um pouco mais e achei interessante a oportunidade dada.”

“Tenho interesse nesse curso por me sentir convocada a uma atividade tão ligada a minha história pessoal e de meus conterrâneos, a costura. A visão e proposta de reconstrução que está apresentada na convocação também me inspira, pensar que esta reconstrução pode ser realizada a todo momento, em diversas fases de nossas vidas e trajetórias.

Poder falar e trocar isto com o grupo, imagino que será de muita riqueza também.”

## \* E M F I W A N A K U \*

Ritual é uma nomenclatura estrangeira aos povos originários, se refere às celebrações, idioma simbólico, partes sagradas do cotidiano de uma sociedade, um olhar estrangeiro sobre o que é o sagrado.

**Nomeio conscientemente esta performance ritual.** sentir com o corpo a memória que me foi negada pelas circunstâncias históricas em que nasci.

Vou à lugares que minha alma e intuição pedem, o sítio arqueológico Iwanaku foi um desses lugares, observei fotos, li sobre, senti a vontade de ir, existe magia no resgate da memória, é necessário confiar, planejar e obedecer os caminhos injustificáveis para a busca de respostas.

Estando no local é preciso deixar o corpo falar, os olhos marejarem sem significado racional, o vento aparece, as montanhas se mostram, as vontades surgem e não há justificativas, somente existência do corpo e da alma entre tempo-espacos que cumprimos rituais instintivos há muito realizados e que agora ressurgem em quem se dispuser a sentir o que se encontrou ao escavar as camadas ancestrais da memória coletiva.

Além o que é dançar nessa situação? Dançar como apresentar-se? Sim apresentar meu corpo para os céus infinitos, as montanhas que bem sabemos que são considerados os deuses dali, ao vento que insistentemente se apresentava.

Estendo os braços como se quisesse alcançar a direção do vento e em direção às montanhas. Láaaaaaa... e o meu queixo se direciona para lá, e como consequência as pontas dos meus ombros, as pontas dos joelhos e das pés e minha respiração segue esse movimento e fica eterna, como se fosse possível sorver a ventania que há a minha volta em goles eternos de ar e posso dançar e partir daquela ventania dentro de mim e devolvê-la à paisagem novamente fazendo parte dela agora com meus tecidos que mediam também meu corpo e seus movimentos em relação àquele tempo que se construiu - passado e presente - estado de aterramento; o estado correto o se estar diante dos deuses, diante de Pachamama e de toda sua existência, aterrar é estar entre os tempos e dedicar a paisagem ancestral em um ato de rememoração por meio do corpo e seus movimentos, respiração, ventania, todos conectados em uma harmonia existencial.

Naquele dia cães vieram conversar comigo, comer, me questionar, verificar, o tecido agora rosa e mais denso do que o anterior os questionou também sobre o que fazer, como viver naquele tempo espaço e a resposta é existir, ser, aqui e agora.

Cheguei a uma estrada que leva à entrada e saída, as montanhas pareciam mais próximas, mais juntas, mais presentes; a ventania vem aberta, me sinto pequena em relação a tudo, um objetivo tão ambicioso de capturar o passado me vem à preocupação, fruto da ansiedade, de não estar mais aterrada, de somente existir. ▶

## ESCAVAR A TERRA DE DENTRO



E NÃO É ESTRANHO, PELA PRIMEIRA VEZ, SER VERMELHA.  
ENCONTREI MINHA ABUELA PATERNA UMA VEZ NA VIDA.  
SEGURO ESSA MEMÓRIA NAS ENTRANHAS DO MEU CORPO E  
DANÇO PARA NÃO ESQUECER.

Video *Kullak e a Chuyma* na Casa de Cultura do parque, programa Na Varanda, curadoria Claudio Cretti. 2022. Link <https://youtu.be/bU0UyfK6ghw>



- LABORATÓRIOS DE CRIAÇÃO. Proposições aos públicos em formatos de quatro oficinas. Exposição Tunga - Conjunções Magnéticas, Itaú Cultural e Instituto Tomie Ohtake

Encontros que duraram 05 dias, para celebrar a ancestralidade, a costura das narrativas, trocas, danças e resgate de saberes entre mulheres andinas, filhas de bolivianos e brasileiras. Cada participante construiu sua máscara e vestimenta com base em suas memórias e descobertas, foram realizados exercícios corporais e de imaginação, no final foi realizada uma performance na praia. Video resultado exposto em 2021 na exposição Amarração.



amarração

Mostra de Performance e Vídeo do Prêmio Vozes Agudas

**Dia 13/11 - Remendar**

14h30: 4. Experiência da vida e a pergunta - Experimento 5: "Traziam a memória do... de...? Experimento 6: "A Experiência da vida e a resposta" - Luanih Cruz

14h as 18h: Matriz de corpos. Cris Peres: Ativação dos corpos ancestrais [Costura Ancestral], 2021. Cris e Wiphala Fabulosa. (Artista propositora - Carolina Velasquez)

17h: 2.798 - May Agostinima

18h: Encerramento e confraternização

Carolina Velasquez

Luanih Cruz

Cris Peres

May Agostinima

Ateliê 597

Rua Cruzeiro, 302  
Barra Funda, SP

- Vídeo COSTURA ANCESTRAL. Artista convidada do premio Vozes Agudas. 2021



PERFORMANCES FABULOSAS.2019. Congresso de ensino e aprendizagem das artes na América latina: colonialismo e questões de gênero na unidade do Sesc Vila Mariana. São Paulo.



Performances Fabulosas. 2019 no congresso de ensino e aprendizagem das artes na América latina:colonialismo e questões de gênero na unidade do Sesc Vila Mariana/ SP

## Relato de performance no congresso de ensino e aprendizagem das artes na América latina:colonialismo e questões de gênero na unidade do Sesc Vila Mariana/ SP

As vestimentas também dançam, uma delas tem as dimensões compridas, é composta por diversos tipos de tecidos, pesados e leves, e quando uma *performer* gira seu corpo, toda a vestimenta gira triplicando o tamanho de seu corpo e, por um breve momento, não sabemos se o que o move é uma pessoa ou uma grande ventania. Outra *performer* corre sem medida içando a bandeira *Wiphala*; esta demarca o espaço ocupado pelo evento e é passada por cima do público, que nesse momento ainda é passivo, espectador que observa e frui dos gestos e materiais, de forma espantada, dos seres que ali se apresentam. Outro *performer*, que agora é um Fabuloso, joga-se frente aos três ogãs que tocam e cantam em seus atabaques.

A dança do Fabuloso torna-se o gesto corporal de se ajoelhar frente ao altar, como em alguns rituais, onde os participantes agradecem aos deuses pelas graças recebidas. Os Fabulosos cessam sua dança e os participantes são levados a adentrar um outro espaço com uma instalação, termo utilizado como linguagem nas artes visuais, montada com o fim de ser um altar. O altar é composto de tecidos coloridos, os *aguayos* - tecidos confeccionados por comunidades da América Latina que contém simbologias e cores típicas da região, considerados segredos guardados entre gerações contra os apagamentos culturais causados pelas ações da presença de outros povos colonizadores, e sementes e grãos típicos andinos, como milhos de diferentes cores, favas e batatas de diferentes tipos, com símbolos em argila e pequenos bonecos, representações de habitantes dos Andes. Os participantes que observam ainda receosos têm em suas mãos velas que são acendidas por fabulosos que passeiam entre o público. O narrador agora os convida a realizar um *pago*, segundo ele uma celebração andina chamada *La K'oa*, que envolve um altar e pequenos embrulhos contendo flores e sementes e grãos que serão destinados à deusa *Pachamama*, mãe terra, em uma ação coletiva; os agora participantes investigam o que antes era algo a se observar, escolhem os elementos dispostos no altar e os colocam em pedaços de papel, os embrulham e guardam consigo. VELASQUEZ, pag.66. 2021.



RECOLHIMENTO DE MEMÓRIAS. Instituto Inhotim. Setembro de 2019

Desde as primeiras *Performances Fabulosas* o time de *performers* varia, são educadores, psicólogos, dançarinos profissionais, estudantes de bairros de área rural, entre outros, que acima de tudo possuem alteridade em relação aos públicos; a diversidade de perfil destes *performers* deve ser tal como é a pluralidade dos públicos. A estrutura é sempre diversificada: um Fabuloso narrador cujas funções são dar as instruções verbais e levar o público aos espaços de cada etapa, e dois ou mais performers. Segundo Walter Benjamin em seu texto *O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, de 1936, o narrador está em vias de extinção; com a guerra mundial, tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável (BENJAMIN, 1994, p. 1). A narração, nesse caso, tem o papel de representar exteriormente aquilo que se sente durante o processo de proposição artística. Nesta pesquisa temos essa característica estrutural da utilização tanto de meios trazidos por artistas dos anos 50, 60 e 70 do sistema vigente da arte como as instruções e partituras criadas e utilizadas por Allan Kaprow, Yoko Ono, Marina Abramovic e John Cage, mesclando a essas características–ferramentas os meios utilizados por povos originários de todas as partes do mundo: as contações de histórias, as narrativas épicas de um povo, as canções, as mitologias que são revisitadas por cada geração de crianças e jovens a partir de um narrador, geralmente mais velho, que coloca as histórias sob uma perspectiva que resulta na manutenção de valores sobre uma cosmovisão por parte de quem ouve, e mantém os laços culturais e políticos entre quem participa, garantindo a subsistência, a gestão daquele grupo e a harmonia entre os integrantes. VELASQUEZ, pag.157.2021



Performance LA XAMANA. 2018. Casa do Povo. Programa de residencias com Coletivo Sí, you Puedo!  
E Parteiras Bruxonas.



Roda de costura com as mulheres de abrigo Francisco Matarazzo. 2014. Residência artística na Casa das Caldeiras. São Paulo.

## As mulheres e os fabulosos

Durante residência artística na Casa das Caldeiras em 2014, tive o convite de atender a um grupo de mulheres da casa de abrigo Francisco Matarazzo. Muitas dessas mulheres haviam passado por processo de flagelo, de dor; o objetivo era acolhimento, fazer, falar, agir, dançar. Primeiro, recuperamos memórias ao redor da máquina de costura contando uma história onde as mulheres tinham de decidir pela protagonista: se você fosse Vasalisa, você iria buscar fogo por todos aqueles das famílias que te maltrataram? Ou iria embora, ou ficaria? Respostas vinham ínfimas diante de outra situação difícil, aos poucos iam sentindo aquilo como uma brincadeira, um sonhar, projetar, gerenciar nossas vidas que muitas vezes não temos tempo para refletir; os caminhos você pode escolher.

No ateliê de costura enchemos o corpo de uma escultura com formas humanoides, lhe demos cabelo, olhos, boca, fala, gesto, roupas, carinho. Flores foram bordadas em sua barriga. O boneco ficou pronto; seu gênero foi mudando de acordo com o ponto de vista de vida de cada uma daquelas mulheres, ele virou inimigo, amigo, assustador, confiável, ganhou abraços e danças; por um breve momento tinha-se a percepção de que uma das mulheres dançava com o boneco como dançasse consigo mesma e o seu sorriso anunciava fazer as pazes com algo dentro de si. E um objeto pequeno feito a parte, como amuletos para a semana que ia se iniciar; a vida cobrando atenção e ansiedade, no coração pequeno de feltro estava escrito *coragem*, a mulher ia levar ao tribunal para se defender de seu irmão que era agressivo e tinha bastante controle sobre sua coragem. Uma adolescente do grupo costurava e ia me contando timidamente que “Se não fugisse ia ser pior, bem pior, talvez o fim e aqui estou, vim para São Paulo onde me acolheram”; dizia com os olhos de quem não sabe para onde vai, mas que está e que a vida vai tratar de apresentar os próximos passos. São rodas de costura onde nos desligamos de condicionamentos mentais e corporais dentro do aspecto social enquanto costuramos, as consequências são a partilha de receios, sombras, narrativas difíceis, desabafos e alegrias em um ambiente sem a pressa, competitividade e julgamento, características comuns em ambientes bélicos de partes de nossa sociedade.